



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

# DA TRADIÇÃO À TRANSFORMAÇÃO: A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS

***Eixo Temático 43 - EDUCAÇÃO PARA CORPOS PLURAIS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA/ETNIA, MEDIADOS POR ARTEFATOS CULTURAIS.***

Talita Maria da Rocha <sup>1</sup>  
Leandro Teófilo de Brito <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho visa dissertar sobre a perspectiva de uma educação antirracista em espaços educativos. Para tal, focaliza em narrativas de professoras negras no contexto de suas práticas pedagógicas. A produção dos relatos ocorreu por meio de entrevistas individuais, momento este em que um conjunto de artefatos culturais, tais como a literatura negra, dança e músicas afro-brasileiras tiveram um espaço importante em suas práticas antirracistas. Para isso, mobilizamos referenciais teóricos-metodológicos que abordam os conceitos de performatividade da linguagem e da raça, além dos debates sobre educação antirracista, de modo a problematizar a performatização das diferentes identidades raciais no contexto escolar, suas emergências, conflitos, avanços e desafios cotidianos.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista, Artefatos Culturais, Performatividade, Raça, Gênero.

## INTRODUÇÃO

Os resquícios do passado colonial deixaram marcas desastrosas no ensino educacional brasileiro, que persistem nos currículos escolares e práticas pedagógicas. Durante um longo período da nossa história, os conteúdos e discursos educacionais foram permeados por uma perspectiva eurocêntrica, que trazia uma narrativa atravessada por um olhar histórico e cultural voltado para a escravização, sendo esta a principal narrativa ao falar da população negra.

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [talita.m.rocha@hotmail.com](mailto:talita.m.rocha@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Orientador. Doutor em Educação e professor adjunto no PPGE da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, [teofilo.leandro@gmail.com](mailto:teofilo.leandro@gmail.com)



Desta forma, corpos negros foram discursivamente representados de maneira estereotipada e inferiorizada, deixando de lado suas contribuições na formação histórica e social de nosso país. Tal perspectiva, esteve presente nos livros didáticos, nas histórias narradas, nas ausências fixadas. Conforme aponta Muniz (2016, p. 772), “a educação a qual se referem é a escolarizada, calcada em pilares coloniais e extremamente parciais de saberes e conhecimentos”.

Os conceitos de performatividade da linguagem (Butler, 2021) e raça (Melo, 2021), contribuem para que percebamos como os discursos operam, de modo a sustentar e atuar na constituição dos(as) sujeitos(as) negros. Nesse sentido, a raça é construída na e pela linguagem, de modo que atravessa os espaços educativos, onde os discursos, que embora pareçam inclusivos, contribuem para a (re)produção das hierarquias raciais.

Segundo aponta Gomes (2017), a escola tradicionalmente operou como um espaço de regulação do corpo negro, contribuindo para a exclusão simbólica destes corpos. Esse processo de apagamento e silenciamento frente as contribuições históricas, artísticas e culturais da população negra também foi discutido por Munanga (2005), que denunciava a permanência de um racismo velado e estrutural no interior da escola. Em suas palavras o autor afirma:

Sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar (p.15).

Lélia Gonzalez argumenta que o racismo presente na sociedade brasileira se manifesta de forma sutil, porém eficaz, nos espaços educacionais, sendo a escola um dos principais locais de disseminação dessa lógica. Em suas palavras sublinha:

Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país[...] (Lélia González, 1982)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Lélia Gonzalez publicou este trecho no *Mulherio*, ano II, nº 5, janeiro/fevereiro de 1982, p. 3, um jornal feminista brasileiro que circulou no país na década de 80. Mantido pela Fundação Carlos Chagas, Lélia era a única mulher negra a participar deste projeto jornalístico. Informações disponíveis em: <https://www.geledes.org.br/por-um-feminismo-plural-o-ativismo-de-lelia-gonzalez-no-jornal-mulherio/> Acesso em 21 de abril de 2025.



A crítica de Lélia Gonzalez acerca desta ausência das contribuições afro-brasileiras nos livros didáticos, evidencia uma realidade histórica marcada pela exclusão sistemática dos saberes e das experiências dos povos negros no processo educacional brasileiro. Tal crítica reflete uma realidade histórica que por muito tempo foi palco de reivindicação dos movimentos sociais, dentre eles o Movimento Negro.

No ano de 2025, a lei 10.639/03, promulgada no ano de 2003, completou 22 anos desde sua criação. A referida lei teve como objetivo diminuir os processos de exclusão e de impulsionar o conhecimento acerca da história do povo africano, mostrando suas contribuições na formação do nosso país para além da escravização. Em termos gerais, faz alterações à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) para implementar a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas.

Sem dúvidas, a implementação da lei é um dos maiores avanços na luta do povo negro, pois institucionaliza políticas afirmativas que por muito tempo foi palco de reivindicações do Movimento Negro e demais movimentos sociais da luta antirracista, que visavam à valorização da identidade, da cultura, da memória negra frente a um projeto de apagamento. (Gomes, 2017).

Diante do exposto, este trabalho integra uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, que tem por objeto central investigar como professoras negras engajadas em um fazer pedagógico antirracista agenciam suas práticas em seus espaços educativos de atuação. Estas mulheres são professoras que atuam na educação com crianças do primeiro segmento do ensino fundamental, em instituições públicas da cidade do Rio de Janeiro. Para tal, foram mobilizados relatos, por meio de entrevistas individuais com professoras negras, que aceitaram narrar suas experiências e práticas pedagógicas antirracistas.

A produção dos relatos será orientada pelos princípios de Butler (2015), que entende a constituição do sujeito como indissociável das condições sociais que o atravessam. Narrar a si mesmo implica em se responsabilizar por uma história que é continuamente construída e atravessada por normas sociais.

O trabalho buscou investigar como estas professoras agenciaram suas práticas pedagógicas antirracistas no cotidiano escolar; discutir os efeitos performativos promovidos e os sentidos que circularam nas compreensões de raça e racismo e problematizar os conflitos que emergem das intersecções que as categorias de raça, gênero e demais marcadores sociais significaram suas experiências.



A pesquisa traz um conjunto de aportes teóricos-metodológicos que dialogam com questões centrais e que nos auxiliam a elucidar reflexões significativas que atravessam as dinâmicas sociais e educacionais. Entre os principais referenciais, destacamos os estudos sobre performatividade da linguagem (Butler, 2021), bem com a performatividade da raça (Melo, 2021). Além disso, foram fundamentais as discussões sobre educação antirracista, desenvolvida por (Gomes, 2017) e as reflexões sobre raça, identidade e processos subjetivos, pensados por (hooks, 2017, 2019) e (Kilomba, 2019) respectivamente.

A urgência na valorização de práticas pedagógicas antirracistas contribui para ressignificar as enunciações proferidas aos sujeitos(as) negros e negras, bem como a produção de outros discursos possíveis e necessários que valorizem suas histórias, contribuições, culturas e identidades.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

A amostragem *bola de neve* (Vinuto, 2014) foi adotada como estratégia metodológica para chegar às interlocutoras participantes da pesquisa. Essa abordagem se caracteriza pela seleção de sujeitos(as) iniciais, denominados(as) “sementes”, que, a partir de suas redes de contato, indicam outros(as) possíveis participantes com perfil semelhante ou relevante para os objetivos do estudo. Desse modo, cada novo(a) participante contribui para ampliação da amostra por meio de novas indicações.

A estratégia metodológica adotada para selecionar as participantes da pesquisa, constitui em mobilizar contatos estabelecidos por meio de nossas redes sociais. Foram pré-estabelecidos os seguintes critérios: que a participante se identificasse como mulher, se autodeclarasse negra, atuasse no primeiro segmento do ensino fundamental na rede pública de ensino e estivesse envolvida com práticas educacionais antirracistas.

Para operacionalização dos relatos, escolhemos não propor um conjunto de perguntas fechadas e preestabelecidas, sendo assim e de forma a trazer menos rigidez para as conversas, optamos por elaborar um roteiro divididos por eixos performativos, proporcionando uma perspectiva de fazer pesquisa mais fluída. Esse roteiro serviu como um “guia”, orientando os diálogos, respeitando as contingências e vivências pessoais e pedagógicas destas professoras.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados, traz neste momento o relato de duas professoras participantes da pesquisa. Foi possível notar no momento da produção dos relatos, que um conjunto de artefatos culturais, tais como a literatura negra, dança e músicas afro-brasileiras tiveram um espaço importante em suas práticas profissionais antirracistas. A incorporação destes elementos, para além de um enriquecimento do currículo, abre possibilidades para desnudar estereótipos raciais que foram naturalizados por meios de discursos velados, silenciosos e de ódio à determinados grupos sociais.

A presença desses elementos culturais nas práticas pedagógicas destas professoras negras possibilita desbancar uma perspectiva de “não lugar” destinados a corpos plurais atravessados por intersecções de raça, gênero, classe e que escapam aos padrões normativos presentes nas relações de poder no espaço escolar.

Em um dado momento das interlocuções, uma das professoras relatou que suas práticas pedagógicas antirracistas são mobilizadas, de forma significativa, por meio da literatura infantojuvenil, que potencializavam o protagonismo negro. Este artefato cultural erguido por meio da literatura, se soma às suas práticas pedagógicas cotidianas e se levantam como uma tentativa de promover deslocamentos e tensionar narrativas hegemônicas que durante longo período, foram sustentadas e, em muitos casos, reforçadas pela própria produção literária.

A literatura, as imagens e a linguagem, tanto em sua forma verbal quanto não verbal, desempenham um papel fundamental na constituição do imaginário infantil, influenciando diretamente a construção de identidades e a forma como as crianças percebem a si mesmas e ao mundo ao seu redor.

A presença de personagens negras são importantes fontes de representatividade, mas apenas sua presença não é suficiente para promover um empoderamento infantil, pois faz-se necessário também haver uma análise aprofundada da forma como estas personagens são significadas. hooks (2019) problematiza esta questão ao afirmar que “o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras” (p.34).



A segunda professora trouxe relatos de uma prática antirracista que emerge a partir do contato com a música e a dança. Em suas aulas promove oficinas de “*charm*”, práticas de capoeira, além de jogos de origem africana. Ao incorporar estes artefatos culturais em seus fazeres pedagógicos, ela possibilita que eles se enxerguem e se vejam em um corpo (negro) detentores de beleza e produtores de diferentes multilinguagens. Nesse sentido, Gomes (2017) ressalta:

A não existência do corpo negro e dos seus saberes pode se fazer presente quando esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo é apresentado e representado como indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento. Esse tipo particular de produção de não existência que acontece no campo da educação, pois se realiza através de uma presença redutora que relega o corpo negro e os seus saberes ao lugar da negatividade e da negação. Trata-se da negação do corpo negro como corpo livre, que age, que move, contesta, vibra, goza, sonha, reage, resiste e luta (p.79).

Quando esta professora decide incorporar a música como forma de libertação simbólica, e a dança como forma de expressão do corpo negro, em suas práticas antirracistas, ela propõe caminhos alternativos de resistência e (re)significação das experiências negras, tensionando as estruturas racializadas que ainda operam nas dinâmicas institucionais da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatos nos sobram, linhas nos faltam para problematizar aqui todos os potentes relatos que emergiram nas conversas com estas professoras negras. Mesmo assim, é possível tecer algumas considerações importantes sobre suas práticas. Seja por meio da literatura, seja por meio das multilinguagens, tal qual a arte e a dança, seja por meio das significações positivas, estas professoras nadam contra a maré, confrontam um sistema e buscam tangenciar e emergir novas narrativas.

Performar uma prática antirracista é uma luta constante e diária, sendo muitas vezes solitária e por vezes, incômoda aos demais. As enunciações destas docentes e suas performances raciais, têm, potencialmente, o poder performativo de participar da construção e atribuições de sentidos referentes às suas práticas antirracistas.

Ao incorporarem práticas pedagógicas antirracistas mediadas por artefatos culturais, estas professoras evidenciam outras possibilidades de educar, centradas no corpo negro como território da memória, saberes e resistências. Tais práticas não apenas reconhecem a



contribuição histórica da população negra, mas também promovem o respeito às diferenças e às múltiplas formas de ser, viver e (r)existir no mundo.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio. Uma política do performativo**, São Paulo, Unesp, 2021

GOMES, N. L. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, [S. l.], v. 27, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/rbpaec/article/view/19971>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**, Petrópolis: Vozes, 2017

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática de liberdade**. 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2017

HOOKS, bell. **Olhares Negros raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação- Episódios de Racismo Cotidiano**. 1ª edição, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MELO, Glenda Cristina Valim de. Discursos sobre raça: quando as Teorias Queer nos ajudam a interrogar a norma. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 410–434, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35145>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola (org.)**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNIZ, K. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística "crítica": performatividade, política e identificação racial no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 32, n. 3, p. 767–786, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/j5NYtwFCBXVwvPSRh8mmKb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 de abr. 2025.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, dez. 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 5 jan. 2024.